

O Porco do Morin

Guy de Maupassant

I

— Meu amigo—disse eu a Labarbe—,mais uma vez você acaba de pronunciar estas palavras: "o porco de Morin". Por que diabo eu nunca ouço falar nele sem que o tratem de "porco"?

Labarbe, hoje deputado, me pôs uns olhos de coruja. "Mas como! Você é de Rochelle e não sabe a história de Morin?!"

Eu confessei que não sabia a história de Morin. Então Labarbe esfregou as mãos e começou sua narrativa.

— Conheceu Morin, não, e se recorda da sua grande loja de miudezas no cais de Rochelle?

— Sim, perfeitamente.

— Pois bem, fique então sabendo que em 1862 ou 63 Morin foi passar quinze dias em Paris, por prazer, ou prazeres, mas sob o pretexto de renovar seu estoque. Você sabe o que são, para um comerciante da província, quinze dias de Paris. É de pôr fogo nas veias. Todas as noites espetáculos, o acotovelar das mulheres, uma contínua excitação do espírito. Dá para endoidecer. Não vê mais que dançarinas de maio, colos, pernas e tudo isso quase ao alcance da mão, sem que ouse ou possa tocar-lhe. Mal prova, uma ou duas vezes, algum prato de qualidade inferior. E parte enfim, com o coração ainda abalado, a alma agitada, e uma comichão de beijos na boca.

"Morin se achava nesse estado, ao comprar a passagem para Rochelle pelo expresso das 8h40 da noite. E ele passeava cheio de pesar e agitação pela grande sala comum da viaférrea de Orleans, quando parou diante de uma jovem que beijava uma velha mulher. Ela havia erguido o seu véu, e Morin, extasiado, murmurou: 'Puxa Que bela criatura!'.

Depois de despedir-se da velha, ela entrou para a sala de espera, e Morin a seguiu; depois ela subiu para um vagão vazio, e Morin sempre a seguiu-a.

Havia poucos viajantes para o expresso. A locomotiva apitou; o trem partiu. Eles estavam sós.

Morin a devorava com os olhos. Ela parecia ter dezenove para vinte anos; era loira, grande, com um ar ousado. Enrolou as pernas num cobertor e reclinou-se no banco para dormir.

Morin pensava: "Quem será?" E mil hipóteses, mil projetos lhe atravessavam o espírito. Contam tantas aventuras de trem de ferro. Talvez tenha chegado a minha vez. Quem sabe? Essas coisas acontecem tão depressa... Só me é preciso talvez um pouco de audácia. Não era Danton que dizia: "Audácia, audácia, e sempre audácia?" Se não era Danton, era Mirabeau. Enfim, que importa? Mas eu não tenho audácia, aí é que está! Oh! Se se soubesse, se se pudesse ler nas almas! Aposto que a gente passa todos os dias, sem suspeitar, por oportunidades magníficas. Bastaria a ela um gesto, no entanto, para me indicar que ela não quer outra coisa.

Pôs-se então a arquitetar planos que o conduziriam ao triunfo. Imaginou um cavalheiresco início de relações, pequenos serviços que ele lhe prestaria, uma conversação viva, galante, que acabaria por uma declaração, a qual por sua vez acabaria por... por aquilo que você está pensando.

Mas o que continuava a faltar-lhe era o início, o pretexto. E ele aguardava uma circunstância feliz, com o coração aos pulos, o espírito confuso.

E a noite ia passando, e a linda menina continuava a dormir, enquanto Morin premeditava a sua queda. A manheceu, e em breve o sol lançou o seu primeiro raio, um longo raio vindo do fundo do horizonte, sobre a face da bela adormecida.

Ela despertou, sentou-se, olhou para o campo, olhou para Morin, e sorriu. Sorriu com um ar feliz, um ar convidativo « alegre. Morin estremeceu. Não havia dúvida, era para ele aquele sorriso, era mesmo um convite discreto, o sonhado sinal que ele esperava. Assim dizia, aquele sorriso: "Você é uma besta, um tolo, um palerma, em ficar aí plantado, como uma estaca, desde ontem à noite. Vamos, olhe-me, não sou encantadora? E você me fica aí uma noite inteira, com uma linda mulher, sem nada ousar, seu simplório!"

Ela continuava a sorrir, olhando-o; começava até a rir; e ele perdia a cabeça, procurando uma frase de emergência, um cumprimento, qualquer coisa para dizer enfim, não importava o quê. Mas não encontrava nada, nada. Então, tomado de uma audácia de covarde, ele pensou: "Tanto pior, eu arrisco tudo"; e bruscamente, sem gritar "água vai", ele avançou, com as mãos estendidas, os lábios gulosos, e, estreitando-a em seus braços,

beijou-a.

Ela ergueu-se de um salto, gritando: "Socorro!" E abriu a portinhola, agitando os braços fora, louca de medo tentando saltar, enquanto Morin, desvairado, persuadido de que ela ia precipitar-se na estrada, segurava-a pela saia, a gaguejar: "Madame... oh!... madame".

O trem diminuiu a marcha e parou. Dois empregados acorreram, ante os gestos desesperados da moça, que caiu em seus braços, balbuciando: "Este homem quis... quis... me... me..." E desmaiou.

Estavam na estação de Mauzé. O gendarme presente deteve Morin.

Quando a vítima de sua brutalidade recobrou os sentidos, prestou depoimento. A autoridade o tomou por escrito. E o pobre comerciante só pôde chegar à sua casa à noite, com um processo judicial às costas, por atentado ao pudor público.

Eu era naquele tempo chefe da redação do Fanal dês Charentes; e via Morin todas as noites no Café d' Comércio.

Logo no dia seguinte ao da sua aventura, ele veio procurar-me, sem saber o que fazer. Eu não ocultei a minha opinião: "Você é um sujo, um porco. Ninguém se porta dessa maneira".

Ele chorava; sua mulher lhe batera; e ele via o seu negócio arruinado, o seu nome na lama, os seus amigos, indignados, que lhe cortavam o cumprimento. Acabou por me dar pena, e eu chamei meu colaborador Rivet, um homenzinho bem-humorado e astuto, para pedir o seu conselho.

Ele induziu-me a falar com o procurador imperial, que era meu amigo. Mandeí Morin para casa e fui visitar o magistrado.

Soube que a mulher ultrajada era uma moça, Mile. Henriette Tonnel, que acabava de obter em Paris o seu diploma de professora e que, não tendo mais nem pai nem mãe, passava as férias na casa de seu tio e sua tia, bons pequeno-burgueses de Mauzé.

O grave é que o tio apresentara queixa. O Ministério Público consentira em arquivar o processo se a queixa fosse retirada. Eis o que era preciso obter.

Fui à casa de Morin. Encontrei-o no leito, doente de emoção e de pesar. Sua cara-metade, mulherona ossuda e cabeluda, maltratava-o sem repouso. Ela introduziu-me no quarto, gritando-me na cara: "O senhor veio ver esse porco do Morin? Aí está ele!"

E ela plantou-se diante do leito, com os punhos nas cadeiras. Expus a situação; e ele me suplicou que fosse ter com a família. A missão era delicada; mas aceitei-a. O pobre diabo não cessava de repetir: "Eu garanto a você que nem mesmo cheguei a beijá-la. Juro!"

Eu respondi: "Dá no mesmo, você não passa de um porco". E tomei os mil francos que ele me deu para empregá-los como julgasse conveniente.

Mas como eu não queria aventurar-me sozinho na casa dos tios, pedi a Rivet que me acompanhasse. Ele consentiu, com a condição de partir imediatamente, pois tinha no dia seguinte de tarde um negócio urgente em Rochelle.

E duas horas mais tarde batíamos à porta de uma bela casa de campo. Uma linda moça veio receber-nos. Era ela, sem dúvida. Eu disse baixinho a Rivet: "Palavra! Eu começo a compreender Morin".

O tio, M. Tonnelet, era justamente um assinante do fanal, um fervente correligionário político que nos recebeu de braços abertos, nos felicitou, se congratulou conosco, nos apertou as mãos, entusiasmado de ter na sua casa os dois redatores de seu jornal.

Rivet me cochichou no ouvido: "Creio que poderemos arranjar o caso daquele porco do Morin".

A sobrinha havia se afastado; e eu abordei a delicada questão. Agitei o espectro do escândalo; fiz ver o inevitável descrédito que sofreria a moça depois de um processo como aquele; pois ninguém iria acreditar nunca em um simples beijo.

O homem parecia indeciso; mas nada podia decidir sem a sua mulher, que só chegaria à noite. De repente ele soltou um grito de triunfo: "Olhem! Tenho uma excelente idéia. Os senhores vão ficar comigo. Jantarão e pousarão os dois aqui. E quando a minha mulher voltar iremos nos entender".

Rivet resistia; mas o desejo de tirar do aperto o porco do Morin o convenceu; e nós aceitamos o convite.

O tio ergueu-se, radiante, chamou a sobrinha, e propôs-nos um passeio pela propriedade, exclamando: "Para a noite os assuntos sérios".

Rivet e ele puseram-se a falar de política.

Quanto a mim, vi-me logo alguns passos atrás, ao lado da menina. Ela era um encanto, um verdadeiro encanto!

Com infinitas precauções, comecei a falar-lhe de sua aventura, para ver se fazia dela uma aliada.

Ela, porém, não me pareceu nada confusa; escutava-me com o ar de quem se divertia imenso.

Eu lhe dizia: "Pense, mademoiselle, em todos os aborrecimentos que terá. Será preciso comparecer perante o tribunal, afrontar os olhares maliciosos, contar diante de toda aquela gente, publicamente, essa miserável cena do vagão. Cá entre nós, mademoiselle, não teria feito melhor se nada dissesse e fizesse aquele pulha reconhecer o seu lugar, sem chamar os empregados? Não seria preferível ter simplesmente mudado de vagão?"

Ela se pôs a rir. "É verdade o que me diz! Mas que quer? Fiquei com medo; e, quando a gente está com medo

não raciocina. Depois de ter compreendido a situação, bem que lamentei os meus gritos, mas era muito tarde. Imagine que aquele imbecil se lançou a mim como um furioso, sem dizer palavra, com uma cara de louco! Eu nem mesmo sabia o que ele queria de mim".

Ela me olhava de frente, sem confusão nem timidez.

Eu dizia com os meus botões: "Mas é muito atrevida, essa menina! Bem compreendo que aquele porco de Morin se haja enganado".

Eu repliquei, gracejando: "Ora, mademoiselle. Confesso que ele era desculpável, pois afinal não se pode ficar defronte de uma criatura tão linda sem experimentar o desejo absolutamente legítimo de beijá-la".

Ela riu mais forte, com todos os dentes ao vento: "Entre o desejo e a ação, senhor, há lugar para o respeito".

A frase era engraçada, embora pouco clara. Eu perguntei bruscamente: "Pois bem, vejamos: se eu a beijasse agora, qual seria a sua atitude?"

Ela parou para considerar-me de alto a baixo, depois disse tranqüilamente: "Oh!, com o senhor não é a mesma coisa".

Bem sabia eu que não era a mesma coisa, pois me chamavam em toda a província "o belo Labarbe". Eu tinha trinta anos, então, mas perguntei: "Por quê?"

Ela ergueu os ombros e respondeu: "Ora! porque o senhor não é tão idiota como ele". Depois acrescentou olhando-me de soslaio: "Nem tão feio".

Antes que ela pudesse fazer um movimento para evitarme, eu lhe havia plantado um belo beijo na face. Ela saltou para um lado, mas muito tarde. Depois disse: "O senhor também não faz muitas cerimônias, não? Mas não recomece!"

Eu tomei um ar humilde e disse a meia voz: "Oh! mademoiselle, quanto a mim, se tenho algum desejo no meu coração, é de comparecer perante um tribunal pelo mesmo motivo que Morin".

Ela perguntou por sua vez: "Por quê?" Eu a olhei no fundo dos olhos, com toda a seriedade. "Porque você é uma das mais belas criaturas que existem; porque seria para mim uma honra, um título, uma glória, ter querido violentá-la. Porque todos diriam, depois de tê-la visto: "Labarbe bem que mereceu o que lhe está acontecendo, mas que sorte teve esse diabo, afinal!"

Ela pôs-se a rir de todo o coração.

"O senhor é engra..." Mas ainda não havia ela dito "... çado" e eu a apertava em meus braços e lançava-lhe beijos vorazes por toda parte onde encontrava lugar, nos cabelos, na fronte, nos olhos, na boca às vezes, nas faces, por toda a cabeça, da qual ela descobria sempre algum cantinho, sem querer, para garantir os outros.

Por fim, ela se desvencilhou, ruborizada e ofendida. "O senhor é um grosseiro, e faz com que eu me arrependa de tê-lo escutado".

Tomei-lhe a mão, um pouco confuso, balbuciando: "Perdão, perdão, mademoiselle. Eu a ofendi, eu fui brutal! Não me queira mal. Se soubesse..." Eu procurava em vão uma escusa.

Ela pronunciou, após um instante: "Eu nada tenho a saber, senhor".

Mas eu tinha achado; eu exclamei: "Mademoiselle, faz um ano que eu a amo!"

Ela ficou verdadeiramente espantada e ergueu os olhos, e eu continuei: "Sim, mademoiselle, escute-me. Eu não conheço Morin e pouco me importo com ele. Pouco se me dá que ele vá para a cadeia. Mas eu vi mademoiselle no ano passado, ali mesmo, diante da grade. Tive um choque ao vê-la, e a sua imagem não mais me deixou. Acredite-me, ou não, pouco me importa. Eu achei-a adorável; a sua lembrança me obcecava; eu quis revê-la; aproveitei o pretexto daquele idiota do Morin; e eis-me aqui. As circunstâncias me fizeram passar dos limites; perdoe-me, eu lhe peço, perdoe-me".

Ela espiava a verdade no meu olhar, prestes a sorrir de novo; e murmurou: "Trocista".

Eu ergui a mão e, num tom sincero (creio mesmo que era sincero): "Juro que não estou mentindo".

Ela disse simplesmente: "Ora!"

Nós estávamos sós, completamente sós; Rivet e o tio haviam desaparecido numa curva da alameda; e eu fiz uma verdadeira declaração, longa, doce, apertando e beijando-lhe os dedos. Ela escutava aquilo como uma coisa agradável e nova, sem saber ao certo no que deveria acreditar.

Eu acabei por me sentir perturbado; por pensar o que dizia; eu estava pálido, oprimido, trêmulo; e, suavemente, enlacei-a pela cintura.

Eu lhe falava baixinho junto aos pequeninos cabelos crespos da orelha. Ela parecia morta, de tão cismada que estava.

Depois sua mão encontrou a minha e apertou-a; eu fui encerrando lentamente o seu talhe num trêmulo e crescente abraço; ela não se movia absolutamente; eu roçava a sua face com a minha boca; e de súbito os meus

lábios, sem procurar, encontraram os seus. Foi um longo, interminável beijo; e teria durado ainda muito tempo, se eu não tivesse ouvido um significativo "hum hum" a alguns passos atrás de mim.

Ela fugiu por debaixo das árvores. Eu me volvei e avistei Rivet, que vinha ao meu encontro.

Ele plantou-se no meio do caminho e, muito sério: "Com que então é assim que você soluciona o caso do porco do Morin".

Eu respondi com fatuidade: "Faz-se o que se pode, meu caro. E o tio? Que obtive dele? Quanto a mim respondo pela sobrinha".

Rivet declarou: "Eu fui menos feliz com o tio".

E eu tomei-lhe o braço para voltarmos à casa.

O jantar acabou por me transtornar de todo. Eu estava ao lado dela e minha mão a todo instante encontrava a sua por debaixo da toalha; o meu pé apertava seu pé; nossos olhares se juntavam, se confundiam.

Em seguida demos uma volta ao luar e eu lhe murmurei na alma todas as ternuras que me subiam do coração. Eu a mantinha aconchegada contra mim, beijando-a a todo momento, molhando os meus lábios nos seus. À nossa frente, o tio e Rivet discutiam. Suas sombras os seguiam gravemente sobre a areia dos caminhos.

Recolhemo-nos. E em seguida chegou um telegrama da tia, anunciando que só chegaria no dia seguinte de manhã, às sete horas, pelo primeiro trem.

O tio disse: "Bem, Henriette, vá mostrar os quartos a esses senhores". Apertamos a mão do homem e subimos. Ela nos conduziu primeiro ao quarto de Rivet, e ele me segredou ao ouvido: "Não havia perigo de que ela nos trouxesse primeiro ao teu". Depois ela me guiou para o meu leito. Desde que ficou a sós comigo, eu a tomei de novo em meus braços, procurando desviar sua razão e destruir sua resistência. Mas quando se sentiu prestes a desfalecer, ela fugiu.

Eu me meti debaixo dos lençóis, bastante agitado, contrariado e penalizado, sabendo de antemão que não dormiria absolutamente, e procurando que inépcia poderia eu haver cometido, quando bateram suavemente à minha porta.

— Quem é? — perguntei.

Uma voz leve retrucou: "Eu".

Vesti-me às pressas; abri; ela entrou: "Esqueci-me", disse ela, "de lhe perguntar o que toma o senhor pela manhã: chocolate, chá ou café?"

Eu a havia enlaçado impetuosamente, devorando-a de carícias, a balbuciar: "Eu tomo... eu tomo..." Ela porém, deslizou entre meus braços, soprou minha vela e desapareceu.

Eu fiquei sozinho, furioso, no escuro, a procurar os fósforos, sem os encontrar. Descobri-os afinal e saí para o corredor, meio louco, com o castiçal na mão.

Que ia fazer? Eu não raciocinava mais; eu queria encontrá-la; eu queria a ela. E dei alguns passos sem refletir em nada. Depois pensei de súbito: "Mas se eu entro no quarto do tio? Que lhe direi?..." E fiquei imóvel com a cabeça oca, o coração a bater. Ao fim de vários segundos, ocorreu-me a resposta: "Ora! eu direi que procurava o quarto de Rivet para lhe falar de uma coisa urgente".

E pus-me a inspecionar as portas, esforçando-me por descobrir a dela. Mas nada podia me guiar. Ao acaso peguei uma fechadura, que girei. Abri, entrei... Henriette, sentada no leito, olhava-me assombrada.

Então eu corri suavemente o ferrolho e, aproximando-me nas pontas dos pés, lhe disse: "Eu esqueci, mademoiselle, de lhe pedir alguma coisa para ler". Ela se debatia, mas eu abri logo o livro que procurava. Não lhe disse o título. Era na verdade o mais maravilhoso dos romances e o mais divino dos poemas.

Uma vez virada a primeira página, ela me deixou percorrer à vontade; e tantos capítulos eu folheei, que as nossas velas se gastaram até o fim.

Após haver agradecido, eu alcançava, com pés de lã, o meu quarto, quando uma mão brutal me fez parar, e uma voz, a de Rivet, me cochichou na cara: "Mas como! Ainda não acabaste de arranjar o caso do porco do Morin?"

Já às sete da manhã, ela própria me trazia uma taça de chocolate. Nunca bebi outro igual. Um chocolate de encantar, macio, aveludado, perfumado, embriagador. Eu não podia descolar a minha boca das bordas deliciosas da sua taça.

Logo que a moça saiu, Rivet entrou. Parecia um pouco nervoso, mal-humorado como quem não dormira, e me disse num tom aborrecido: "Você bem sabe, se continuar assim, arruinará o caso do porco do Morin".

Às oito horas, chegava a tia. A discussão foi curta. Eles retirariam a queixa, e eu lhes deixaria quinhentos francos para os pobres da região.

Então quiseram nos reter para passar o dia. Organizariam até uma excursão para visitar ruínas. Henriette por detrás dos tios, me fazia sinais com a cabeça: "Fiquem, sim!" Eu aceitava, mas Rivet teimou em partir.

Chamei-o de lado; roguei, solicitei; eu lhe dizia: "Vamos meu Rivetinho, faz isso por mim". Mas ele parecia exasperado e repetia-me na cara: "Eu estou por aqui — está ouvindo? — com o caso daquele porco do Morin!"

Vi-me obrigado a partir também. Foi um dos momentos mais duros da minha vida. Eu me sentia capaz de tratar daquele caso durante toda minha existência.

No vagão, após os enérgicos e mudos apertos de mão da despedida, eu disse a Rivet: "Você é um animal" Ele respondeu: "Meu bem, você começava a me irritar terrivelmente".

Ao chegar à redação do fanal, avistei uma multidão que nos esperava... Gritaram logo que nos viram: "Então, arranjaram o caso daquele porco do Morin?"

Toda Rochelle estava agitada com aquilo. Rivet, cujo mau humor se dissipara no caminho, teve grande dificuldade em não rir, ao declarar: "Sim, está solucionado, graças a Labarbe".

E dirigimo-nos à casa de Morin.

Ele estava estendido numa poltrona, com cataplasmas nas pernas e compressas de água fria na cabeça, desfalecente de angústia. E tossia sem parar, com uma tossezinha de agonizante, sem que se soubesse de onde lhe viera aquilo. A sua mulher o olhava com uns olhos de tigresa prestes a devorá-lo.

Logo que nos viu, ele teve um tremor que lhe sacudia os punhos e os joelhos. Eu lhe disse: "Está arranjado seu porco, mas não caia noutra".

Ele ergueu-se, sufocado, tomou-me as mãos, beijou-as como as de um príncipe, chorou, quase perdeu os sentidos, abraçou Rivet, abraçou até *Mme.* Morin, que o atirou num empurrão para sua poltrona.

Mas ele nunca se refez daquele golpe, pois o choque fora demasiado brutal.

Só o chamavam "o porco do Morin", e esse epíteto varava-o como uma espada cada vez que o ouvia.

Quando um garoto gritava na rua: "Porco", ele voltava a cabeça por instinto. Seus amigos o crivavam de gracejos horríveis, perguntando-lhe, cada vez que comiam presunto: "É do teu?"

Ele morreu dois anos mais tarde.

Quanto a mim, candidatando-me a deputado, em 1875, fui fazer uma visita política ao novo tabelião de Tousserre, M. Belloncle. Fui recebido por uma grande mulher, opulenta e bela.

— O senhor não me reconhece? — disse ela. Eu balbuciei: "Mas... não... madame".

— Henriette Tonnel.

— Ah! — E sentime empalidecer.

Ela parecia perfeitamente à vontade, e sorria, olhando-me.

Logo que ela me deixou a sós com o marido, este me tomou as mãos, apertando-as até estalarem: "Há muito tempo, meu caro senhor, que eu pretendia ir visitá-lo. A minha esposa tanto me falou no senhor! Eu sei... sim, eu sei em que dolorosa circunstância o senhor a conheceu, eu sei também como o senhor foi correto, cheio de delicadeza, de tato, de devotamento, no caso..." Ele hesitou, depois pronunciou em voz baixa, como se estivesse a dizer uma coisa feia: "... no caso daquele porco do Morin".